

LITERATURA INDÍGENA PROFESSOR?¹

Francisco Bezerra dos Santos

Mestrando em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, Graduado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas e Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz. francisco.santos362@gmail.com

Gleidys Meyre da Silva Maia

Doutora em Letras pela Universidade do Rio Grande do Sul, Professora de Literatura na Universidade do Estado do Amazonas e Coordenadora do Núcleo de Investigação da Cultura e da Educação do Baixo Amazonas. gleid-maia@gmail.com

RESUMO

O propósito desse trabalho é apresentar os resultados de uma oficina realizada em uma escola pública com textos literários indígenas, levando em consideração que essa literatura precisa ser lida e discutida nas escolas para que seja de conhecimento dos alunos a diversidade étnica do nosso país. A oficina foi realizada com alunos do 7º e 8º Ano do Ensino Fundamental em Parintins-AM. Embasamo-nos na pesquisa de natureza qualitativa, por tratar das relações sociais, além de estudos de teóricos que defendem a pesquisa e a circulação da literatura indígena, como Thiél (2012) e Guesse (2014), e Martins (2006) para as considerações sobre leitura. Os resultados da oficina foram extremamente satisfatórios, os alunos leram, analisaram e produziram suas próprias narrativas, o que comprova a eficácia do uso dessa literatura na sala de aula. Com esse trabalho intencionamos trazer novos olhares para a literatura de autoria indígena no que concerne seu emprego na escola.

Palavras-chave: Literatura indígena, Escola, Aluno.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es presentar los resultados de un taller realizado en una escuela pública con textos literarios indígenas, teniendo en cuenta que esa literatura necesita ser leída y discutida en las escuelas para que sea de conocimiento de los alumnos la diversidad étnica del nuestro país. El taller fue realizado con alumnos del 7º y 8º Año de la enseñanza Fundamental en Parintins-AM. En la investigación de naturaleza cualitativa, por tratar de las relaciones sociales, además de estudios de teóricos que defienden la investigación y la circulación de la literatura indígena, como Thiél (2012) y Guesse (2014), y Martins (2006) para las consideraciones sobre lectura. Los resultados del taller fueron extremada-

¹ O título do referido artigo trata-se de uma pergunta feita por um aluno quando mencionado que iríamos trabalhar com a literatura de autoria indígena. A pergunta pode ser interpretada como atitude surpresa, o que comprova o desconhecimento dessa literatura no espaço escolar.

mente satisfatórios, los alumnos leyeron, analizaron y produjeron sus propias narrativas, lo que demuestra la eficacia del uso de esa literatura en la escuela. Con este trabajo pretendemos traer nuevas miradas a la literatura indígena en lo que concierne su empleo en la escuela.

Palabras-clave: Literatura Indígena, Escuela, Alumno.

1 INTRODUÇÃO

A pluralidade cultural de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), pode assumir um sentido de sobrevivência, estímulo e resistência. Quando valorizada, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática. Assim, trabalhar a literatura indígena na sala de aula é apoiar o fortalecimento da cultura indígena e promover o reconhecimento e a valorização desses povos. Partindo dessa premissa, esse trabalho traz resultados expressivos sobre uma oficina de leitura realizada em uma escola pública, em que se discutiu a pluralidade cultural a partir de textos literários indígenas. Os resultados foram muito satisfatórios, acreditamos que as ações desenvolvidas por essa pesquisa contribuiu de forma expressiva para o conhecimento da literatura indígena por parte dos alunos.

A oficina foi realizada em etapas, de início, foi feita contextualizações sobre os povos indígenas e apresentação dos principais escritores indígenas, em seguida adotamos as etapas de leitura e interpretação das obras, dando ênfase nas características da escrita indígena, a saber: os mitos, as lendas e a ilustração. Assim, num primeiro momento esse trabalho expõe algumas características da literatura indígena, num segundo momento apresenta os pressupostos metodológicos e por fim, exhibe os resultados das atividades realizadas na oficina.

2 LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA

Os textos indígenas começam a aparecer no final do século XX e no século XXI ganham maior visibilidade, esses textos são escritos por líderes tribais que expõem suas próprias versões da vida ameríndia. Entretanto, a literatura indígena enquanto manifestação artística é questionada por sua composição estética não corresponder aos modelos de literaturas que compõem o cânone literário (THIÉL, 2012).

O desconhecimento desse tipo de literatura é muito comum e ainda há oposição em reconhecê-la como uma produção de caráter estético e cultural. A leitura da literatura indígena permite reflexões sobre o outro, sua participação/exclusão na sociedade contemporânea e sua participação na produção literária nacional e local. Essa literatura é também veículo de manutenção das identidades e uma forma de propagação da ancestralidade. Escrever para esses autores é, portanto, resistir, é lutar contra as formas de apagamento que os povos indígenas têm sofrido ao longo dos tempos.

Janice Thiél (2012) na obra *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque* nos diz que a literatura dos povos indígenas americanos tem narrado e lavrado sua história por meio de recursos discursivos pertencentes a poéticas diversas do modelo ocidental, mas não menos complexas. O posicionamento da autora é claro no que tange a literalidade dos textos indígenas, principalmente quando afirma que tais textos são compostos no intercâmbio entre oralidade e escritura, além de revelar complexidade e um caráter híbrido.

Para Érika Bergamasco Guesse (2014), uma característica significativa dos livros da literatura indígena é o diálogo entre os textos escritos e visuais. A ilustração é um dos recursos sempre encontrados nessa literatura que fascina com suas gravuras e o colorido. Os autores incorporam nos desenhos uma rede de significações entre a palavra e a imagem que torna a narrativa indígena um texto multimodal, ou seja, com múltiplas formas de linguagens.

A leitura dos textos produzidos por escritores indígenas, conforme Thiél (2012, p.13), permite à “abertura para outras tradições literárias, construídas em multimodalidades discursivas que solicitam do leitor a percepção de elementos provenientes de visões complexas de mundo e da arte de narrar histórias”. As obras da literatura indígena representam muitas vozes de etnias indígenas que veem na propagação de suas lendas e mitos a continuidade de uma cultura rica que deve ser incluída nas escolas para que se preencha a lacuna do seu desconhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançarmos o objetivo geral proposto por essa pesquisa, que foi viabilizar o contato dos alunos com a literatura indígena e os específicos que foi mostrar a importância dessa literatura na sala de aula, realizar oficinas de leitura da literatura indígena em uma escola pública

de Parintins e despertar o interesse dos alunos pela leitura de obras de escritores indígenas da região, foi necessária uma boa estrutura metodológica.

Essa investigação se pautou na pesquisa de natureza qualitativa, que segundo Flick (2009) é de grande relevância para os estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. Levamos em consideração a necessidade de promover o contato com a literatura dos povos indígenas. Acreditamos que a escola escolhida representou um espaço de diálogos, ruptura de estereótipos sobre a produção literária indígena, de conhecimento e muitas descobertas. Os sujeitos da pesquisa em questão foram os alunos do 7º e 8º Ano com faixa etária de 12 a 14 anos, cerca de 60 alunos, estes nos forneceram os dados necessários para as análises.

Partindo da problemática que é o desconhecimento da literatura indígena na sala de aula, e o não cumprimento da lei 11.645/08 que pede a inserção da cultura indígena no contexto escolar, tornaram-se necessárias ações que amenizassem e contribuíssem para a mudança dessa problemática.

Para a realização das oficinas utilizamos obras de autores indígenas, as narrativas escolhidas para as oficinas foram: *Contos da floresta* (2012), *O caçador de histórias* (2004), de Yaguarê Yamã, *Çaiçu-Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), de Rony Wasiry Guará, *Com a noite veio o sono* (2011), de Lia Minapoty e outras. Os critérios de seleção das seguintes obras partem da linguagem adotada pelos escritores, pelas ilustrações que assumem papel importante na narrativa e pela relação com a oralidade. Tais obras serviram como instrumento de leitura e discussão das temáticas em sala de aula, como forma de despertar o interesse dos alunos pela leitura das obras indígenas.

Já nas observações feitas em sala de aula no momento da aplicação das oficinas, analisamos as contribuições da literatura indígena sobre nosso público-alvo, anotamos informações que serviram de dados para a análise da pesquisa. A duração das oficinas de leitura da literatura indígena no 7º e 8º Ano tiveram duração de cinco aulas para cada turma. O objetivo foi promover a partir das leituras a prática do multiletramento e da leitura de multimodalidades textuais, mostrando ao mesmo tempo a relevância dessa literatura na escola, a importância dos temas retratados nas narrativas e a proximidade desses temas com a realidade dos alunos.

Mediante a apresentação dos textos indígenas foi feita discussões sobre as sociedades indígenas na atualidade, a produção literária destes povos e a contribuição indígena para a cultura brasilei-

ra. Abordamos tudo isso a partir dos textos de escritores indígenas, com o intuito de mostrar a importância da valorização da cultura no espaço escolar e o respeito à diferença.

Para o desenvolvimento das oficinas, os recursos metodológicos utilizados foram: notebook, projetor de imagens, pincéis coloridos, narrativas indígenas, papéis e canetas. A participação dos alunos das duas turmas foi intensa em todas as etapas das atividades, a escolha de trabalharmos com duas turmas foi pela comparação feita na análise de dados sobre a recepção das atividades.

4 APLICAÇÃO DA OFICINA

Como proposta da oficina, apresentamos os principais escritores indígenas. Nessa etapa, os alunos conheceram os escritores precursores da literatura indígena como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Yaguarê Yamã, Rony Wasiry Guará e outros. Assim, os alunos entenderam que a escrita indígena é uma forma desses escritores divulgarem seus costumes e ancestralidades.

Em seguida, realizamos a primeira etapa, que foi a leitura das obras dos escritores indígenas, os alunos fizeram a leitura e observaram as características da narrativa indígena, a saber: personagem, tempo, espaço e as ilustrações. Essa etapa foi relevante para os alunos perceberem como o indígena é representado nessas obras. A leitura das obras foi um momento de grande aprendizado para os alunos, pois perceberam o quanto os mitos e as lendas indígenas fazem parte do cotidiano do brasileiro.

A segunda etapa da oficina foi nomeada de “Eu escritor”, para o desenvolvimento desse momento foi imprescindível a leitura das obras. A partir da leitura das obras, os alunos criaram suas próprias histórias, tendo como exemplo a estrutura das obras indígenas. Os alunos se mostraram muito talentosos nessa última etapa da oficina, todos os desenhos foram ilustrados, além disso, eles usaram também o conhecimento das histórias contadas por seus familiares para escreverem suas narrativas.

Por meio das etapas das oficinas, os alunos das duas turmas produziram de forma eficiente as atividades proposta para a análise de dados. Todos os materiais derivados das oficinas foram analisados de forma crítica, e as análises comprovaram a eficácia das ações para mudar o cenário de desconhecimento da literatura indígena na escola selecionada.

5 LEITURA DAS OBRAS INDÍGENAS

Nos estudos da literatura indígena percebemos a riqueza cultural que envolve essas narrativas e que sua composição é construída a partir de uma lógica e estética particular de cada etnia. Uma das particularidades dos textos indígenas é a ilustração que assume na narrativa, papel de destaque. Essas ilustrações são planejadas de acordo com os símbolos tribais e representam a ancestralidade étnica dos grupos indígenas.

Antes de iniciarmos a leitura das obras, esclarecemos para os alunos que eles deveriam ficar atentos quanto a composição da narrativa no que concerne aos temas, aos personagens e seus feitos, o espaço onde se desenrolava a narrativa e o papel da ilustração na escrita indígena.

As obras selecionadas para essa etapa da oficina foram *Contos da floresta* (2012), *O caçador de histórias* (2004), de Yaguarê Yamã, *Çaiçu-Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), de Roni Wasiry Guará e *Com a noite veio o sono* (2011), de Lia Minapoty, entre outras. Nas duas turmas houve preferências de narrativas, as meninas preferiram as histórias mais românticas e engraçadas, já os meninos preferiram as de terror, que na literatura indígena é muito comum as lendas e os mitos abordarem histórias de demônios sobrenaturais do imaginário indígena.

Iniciamos a oficina na turma do 8º Ano. As obras foram bem recebidas pelos alunos que logo começaram a leitura de forma silenciosa, mas pouco tempo depois ficaram agitados, nessa ocasião foi preciso intervir para que concluíssem a atividade.

No 7º Ano, essa etapa da oficina foi feita em absoluto silêncio, os alunos que no início da oficina pareciam bem agitados, foram atraídos pelos textos indígenas. Houve na turma um momento que é importante mencionar, a troca de narrativas feita por eles, o que demonstrou o interesse deles pelas narrativas.

Para a mediação desse momento da oficina nos embasamos na obra *O que é leitura*, de Maria Helena Martins (2006), em que a autora nos diz que aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que já fazemos mesmo sem sermos ensinados.

Logo, nossa função de mediador não foi precisamente a de ensinar a ler as obras indígenas, mas a de criar condições para os alunos realizarem a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios

interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Enfim, essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva e proporciona elementos para uma postura crítica (MARTINS, 2006).

Assim sendo, corroboramos com o ponto de vista de Janice Thiél (2012), quando observa que a leitura de obras da literatura indígena problematiza conceitos, desconstrói estereótipos, promove a reflexão sobre a presença dos indígenas na história e sobre a forma como sua palavra e tradição narrativa/poética são apresentadas em sua especificidade.

De tal modo, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre, o sentido que ele dá, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 2006).

Quanto ao diálogo que deve ser feito com o leitor sobre sua leitura como propõe Martins (2006), este se tornou importante para sabermos o ponto de vista dos alunos sobre as textualidades indígenas. Ao término da leitura, propomos as seguintes perguntas:

1. Qual a narrativa que mais chamou sua atenção?
2. De que forma é apresentado o indígena na narrativa?
3. Onde se passa a narrativa?
4. Qual a importância das ilustrações na narrativa?

As respostas das referidas perguntas foram respondidas como forma de discussão, assim, os alunos não eram obrigados a respondê-las no caderno. No 8º Ano nem todos os alunos participaram das discussões, alguns pareciam muito tímidos, mas fizeram a leitura das obras. Os poucos alunos que se manifestaram para falar seus pontos de vistas sobre a narrativa de autoria indígena se saíram muito bem. No 7º Ano foi diferente, tivemos que conter os alunos, pois queriam falar todos de uma vez, assimilamos as diferenças de comportamento pela idade dos alunos.

Nas respostas da primeira pergunta houve preferências nas turmas por determinadas narrativas, as meninas das duas turmas tiveram maior apreço pela obra *Com a noite veio o sono* (2011), de Lia Minapoty e pelos contos “A origem da Vitória Régia”, do escritor Yaguarê Yamã. Já os

meninos preferiram as histórias de terror como o conto “história de Mapinguary”, “História de Kãwéra” e a história da “Sucurijú do Ygapó” todas de autoria de Yaguarê Yamã.

As respostas da pergunta “De que forma é apresentado o indígena na narrativa?” teve pontos de vistas semelhantes nas duas turmas, os alunos disseram que o indígena era descrito como corajoso, herói, guerreiro. Essas características descritas pelos alunos são muito comuns nas narrativas indígenas, diferentemente das obras não indígenas, em que os nativos são representados de forma submissa e romantizada. É, portanto, pela escrita e pela literatura que muitos escritores indígenas discutem as dificuldades de superar os estereótipos construídos sobre o índio ao longo de séculos. Eles encontram, de certa maneira, um espaço para dialogar com seus leitores e, quem sabe, com eles mesmos, sobre suas identidades e denominações (THIÉL, 2012).

Os espaços em que acontecem os desfechos das narrativas citados pelos alunos de ambas as turmas foram, a floresta, o rio e a aldeia. De fato, esses locais são os mais visíveis nas narrativas indígenas, acredita-se que os autores utilizam desse espaço para demonstrar o dia a dia do indígena e suas tradições, mas também para conscientizar sobre a importância de preservar a natureza.

A despeito da importância das ilustrações nos textos indígenas, os alunos das duas turmas afirmaram que a ilustração torna o texto mais atraente, teve um aluno que falou o seguinte: “sem a ilustração professor o texto fica chato”. A partir das declarações dos alunos percebemos que eles compreenderam o papel das ilustrações nos textos indígenas, isso porque a textualidade indígena é composta entre a escrita e o desenho, tais desenhos não funcionam somente como atrativos, mas completa de forma expressiva o sentido do texto. Dessa maneira, dá sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens (MARTINS, 2006).

Os textos indígenas ganharam o gosto dos alunos do 7º e 8º Ano, principalmente pela linguagem e pelos temas abordados nas narrativas. Nesse sentido, a leitura interdisciplinar de temas de outras áreas do conhecimento foi possível por meio da literatura indígena, por que essa literatura é prazerosa e reflete as peculiaridades do espaço amazônico em que os alunos estão inseridos.

Seja pela identificação dos alunos com as lendas e com os mitos contados pelos avós, pais, ribeirinhos, ou mesmo pelo espaço e ações dos personagens em sua maioria indígenas, a lit-

eratura de autoria indígena abre espaço para o respeito à diversidade e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Assim, é fundamental que através da literatura formemos leitores que possam criar conexões entre saberes, perceber o lugar ideológico dos discursos, interpretar informações e desenvolver consciências (THIÉL, 2012).

6 EU ESCRITOR

Após a leitura das obras e observação das categorias da narrativa pelos alunos, iniciamos a última parte da oficina, com a produção textual. Essa etapa foi feita nas duas turmas, 7º e 8º Ano e teve como tema “Eu escritor”. Uma das propostas desse momento foi fazer com que os alunos compreendessem como o imaginário indígena faz parte do nosso cotidiano, bem como fomentar a imaginação e a criatividade deles.

Explicamos para os alunos que o conhecimento de mundo seria necessário para esse momento da oficina, isto é, a leitura que eles tinham feito das obras indígenas e as experiências com as histórias orais poderiam ajudar na feitura de suas narrativas. Elucidamos também que a ilustração poderia ser uma ferramenta utilizada nessa parte da oficina.

Auxiliamos os educandos com pincéis coloridos, canetas, lápis e folhas de papel, recomendamos a eles que as narrativas fossem curtas, como normalmente são as narrativas indígenas. Explicamos ainda sobre a estrutura de uma narrativa e levamos imagens em slides de personagens do contexto amazônico como o Juma, Mapinguary, Yara, Boto e outros como referências de histórias muito conhecidas, e que talvez eles já tivessem ouvido algumas delas.

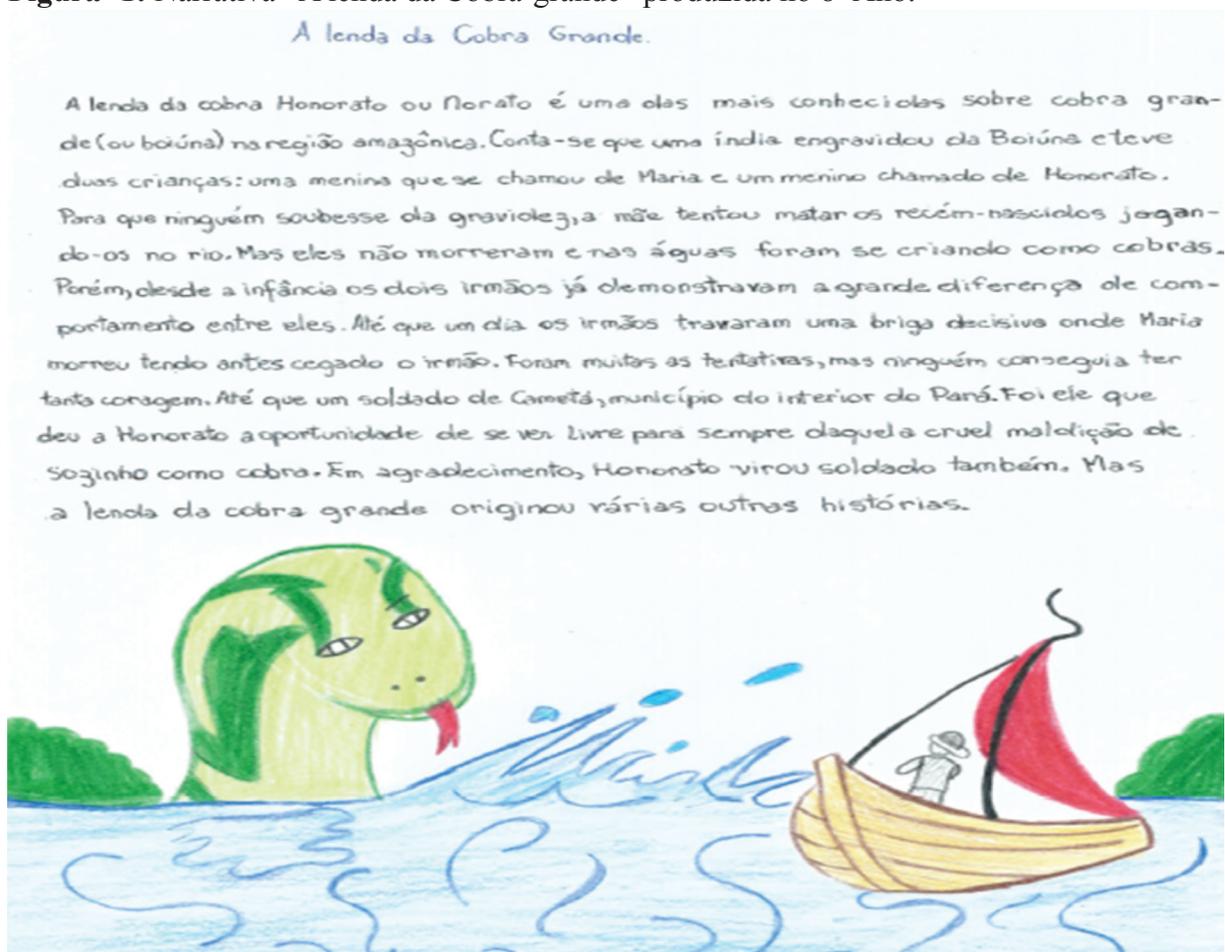
É importante mencionar que houve um grande número de participação dos alunos das duas turmas nesse momento da atividade, se esforçaram bastante e deram asas à criatividade. Essa parte da oficina serviu para percebermos que os estudantes tinham compreendido os elementos da cultura indígena e os resultados das narrativas criadas por eles foram extremamente satisfatórios.

A partir das produções dos alunos, percebemos que os conteúdos trabalhados em sala de aula nos momentos anteriores foram de suma importância para que eles criassem suas próprias narrativas e explorassem os elementos da escrita indígena como a ilustração. Desse modo, a leitura das obras e a exposição de seres lendários e míticos serviram como estímulo e aprendizado para os alunos.

Ressalvamos que durante a elaboração das narrativas houve uma grande interação dos alunos nas escolhas das narrativas e nas trocas de materiais. Nas duas turmas existiram preferências por personagens e histórias, as mais contadas em forma de texto foi a lenda do Boto, a lenda da Yara, o mito da Vitória-régia, a história do Kãwéra e a história do Mapinguary.

Nas narrativas feitas pelos educandos, percebemos as referências da tradição oral, isso foi perceptível nas versões apresentadas por eles das histórias do Boto e da Cobra-grande. Dentre os vários desenhos feitos selecionamos alguns (figuras: 1, 2, 3, 4) para demonstrar o quanto esse momento da oficina foi bem-sucedido.

Figura -1: Narrativa “A lenda da Cobra-grande” produzida no 8º Ano.

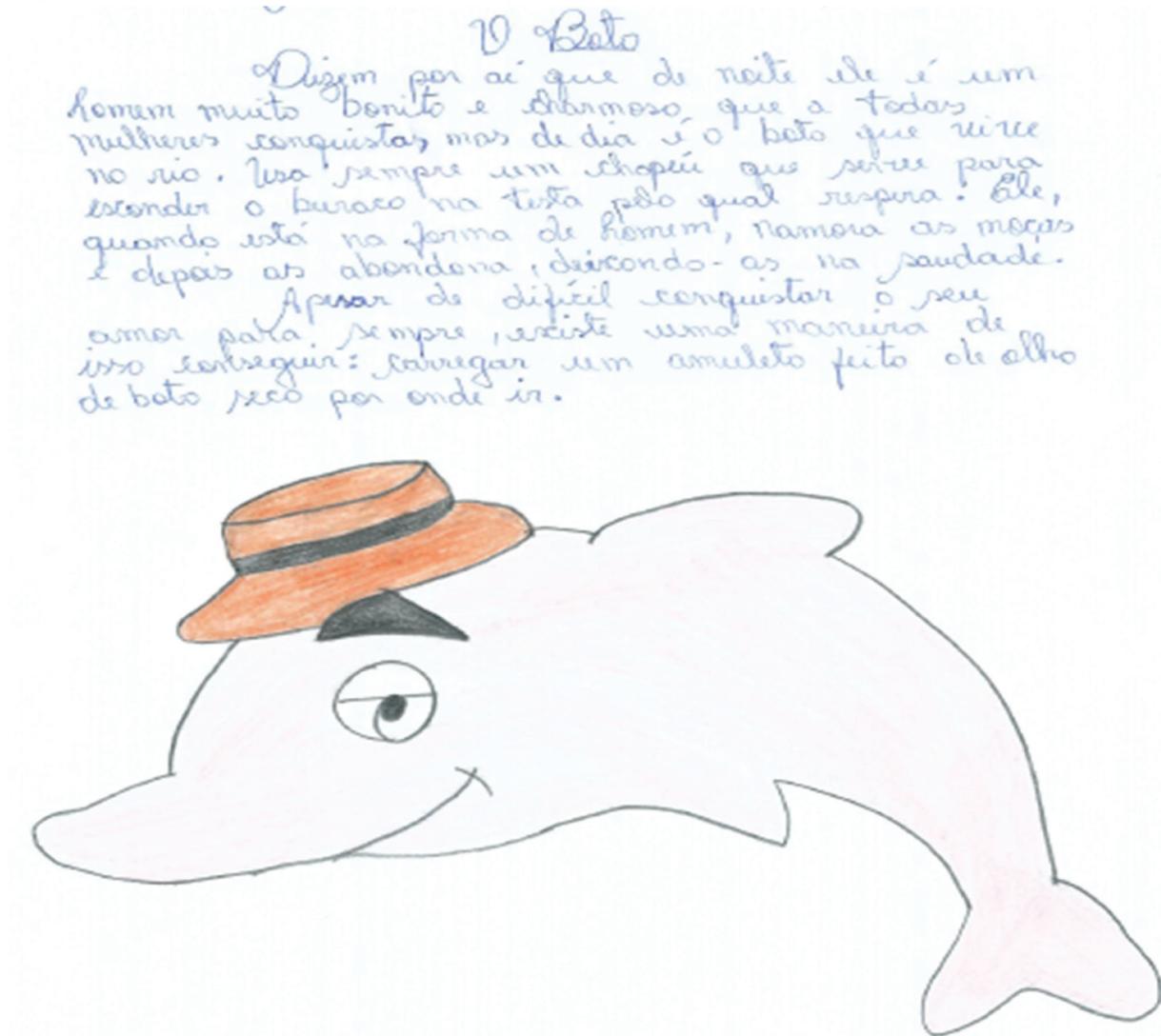


Fonte: Santos (2016).

Uma das histórias mais contadas pelos alunos foi a lenda da cobra-grande, cada aluno contou uma versão diferente. A representação do texto acima é de um aluno do 8º Ano que teve como referência para fazer sua narrativa uma história contada por seu avô. A lenda da cobra-grande faz parte tanto do imaginário indígena quanto do imaginário caboclo. A narrativa do aluno

chama atenção não só pela beleza do texto, mas também pela ilustração colorida que contribui para uma melhor compreensão da narrativa.

Figura -2: Narrativa “A lenda do Boto” produzida no 8º Ano.



Fonte: Santos (2016).

A lenda do boto também ganhou o gosto dos alunos, selecionamos o texto acima de um aluno do 8º Ano, não somente pela ilustração, mas pela complexidade do texto. Trata-se de uma história curta, porém nos dá todas as informações sobre o mistério que envolve esse animal. Os recursos utilizados pelo aluno são muito parecidos com os de uma obra indígena, por exemplo, o discurso de um contador de histórias. Na literatura indígena é comum ter nas narrativas uma relação forte com a oralidade, já que muitas histórias são coletadas entre os mais velhos da aldeia.

Figura -3: Narrativa “A história do Guaraná” produzida no 8º Ano.

Fonte: Santos (2016).

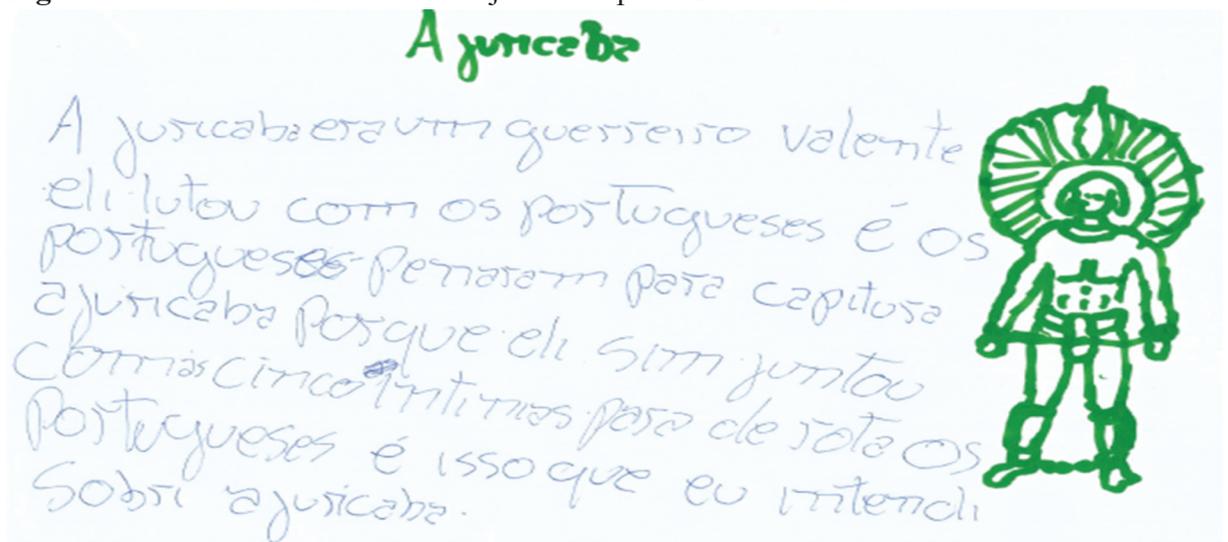
A cada desenho apresentado pelos alunos tínhamos a absoluta certeza que eles haviam compreendido os elementos da escrita indígena. A representação da história do guaraná cultuada pelos índios da etnia Sateré-Mawé elucidada bem as características da ilustração da escrita indígena. O aluno optou somente pela imagem sem a utilização do texto, um recurso também utilizado por escritores indígenas. O que chama a atenção na ilustração do aluno é a imagem do indígena sem idealizações, as características indígenas ficam bem evidenciadas na nudez e na pintura corporal.

No 7º Ano os resultados da última etapa da oficina também foram muito satisfatórios. Houve, no entanto, somente diferenças nas escolhas das narrativas a serem escritas e ilustradas pelos alunos. A grande maioria dos meninos optaram por recriarem a história de Ajuricaba, líder indígena e grande símbolo de resistência indígena. Já as meninas optaram pela história que conta a origem da vitória-régia, planta aquática da Amazônia. Para isso, eles tiveram o apoio do livro *Contos da floresta* (2012), de Yaguarê Yamã e das imagens que levamos para facilitar na escolha das histórias.

Figura - 4: Narrativa “A Vitória-Régia” produzida no 7º Ano.

Fonte: Santos (2016).

A figura- 4, é alusiva ao mito da origem da Vitória-Régia. Para compor a narrativa, a aluna do 7º Ano utilizou somente os recursos visuais, ou seja, a narrativa é contada a partir das imagens. A história da origem da Vitória-Régia é um mito indígena que explica como surgiu essa planta aquática. Na ilustração feita pela aluna é possível perceber o espaço e os elementos que dão sentido a narrativa como a índia e a lua. No 7º Ano essa narrativa junto com a lenda da Yara foi uma das que mais chamaram a atenção das meninas.

Figura- 5: Narrativa “A história de Ajuricaba” produzida no 7º Ano.

Fonte: Santos (2016).

A última narrativa selecionada foi produzida por um aluno do 7º Ano, refere-se ao grande herói dos Manau, Ajuricaba. A releitura feita pelo o aluno exalta os feitos desse personagem, isso é visível pela expressão “guerreiro valente”. A ilustração da pequena narrativa apresenta um perfil indígena bem coerente com a realidade, sem exageros. As correntes representa o aprisionamento de Ajuricaba. Quanto ao texto, há partes em que a leitura ficou comprometida, mas o importante é que há um entendimento da história.

Diante dos resultados positivos das etapas das oficinas realizadas nas duas turmas, reafirmamos a importância da inserção da literatura indígena na sala de aula. Com a ajuda dessa literatura apresentamos para os alunos um mundo que antes era desconhecido, acreditamos que as ações propostas por essa pesquisa contribuiu para amenizar o desconhecimento dessa literatura na escola selecionada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, buscamos apresentar um universo novo e muito próximo do cotidiano dos alunos. Os estudos teóricos foram necessários para compreendermos como a literatura dos povos indígenas é vista na atualidade. A partir dessas percepções percebemos a necessidade de ações que contribuíssem para o conhecimento dessa literatura em uma escola pública de Parintins-AM.

No que concerne à problemática em torno do desconhecimento da literatura indígena, isso não acontece somente em Parintins ou só no Amazonas, é preciso ainda políticas públicas para que seja cumprida a lei que pede a inserção da temática indígena e a conscientização dos profissionais da educação para que trabalhem a temática da diversidade cultural.

O contato com a literatura indígena na turma de 7º e 8º Ano foi um momento de descobertas para os alunos, os livros indígenas permitiram a eles conhecerem a história dos diversos povos indígenas, as cerimônias, crenças e festas, mas, o mais importante foi promover o respeito e mostrar que vivemos em um país multicultural, e conscientizar que é necessário levarmos em consideração a variedade dos povos indígenas brasileiros, cada um com suas particularidades.

Por meio dessa pesquisa comprovamos a eficácia da literatura indígena no ambiente escolar, pois através dela é possível abordar temas que ainda existem em nossa sociedade como o pre-

conceito sobre os povos indígenas. Contudo, o que podemos afirmar é que há muito ainda a ser feito para que a literatura indígena seja reconhecida e inserida na escola, enquanto isso não acontece, cada um de nós podemos fazer nossa parte.

Enfim, com esse trabalho todos os objetivos propostos foram alcançados com êxito, porém, não se acaba por aqui, a literatura indígena ainda precisa ser muito estudada e discutida seja nas escolas ou nas universidades, pois o conhecimento da configuração literária das obras indígenas expande a visão de mundo de professores e alunos e permite um olhar mais atento sobre o outro, para a expressão artística e também para o respeito e a valorização da cultura do outro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm> Acesso em 10/08/2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Shenipabu Miyui: literatura e mito**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasileira, 2006.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.